


unesp  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

GIOVANA FRANCO SEVES

**UMA DISCUSSÃO SOBRE A BASE METAFÓRICA DAS FIGURAS
DE LINGUAGEM**



ARARAQUARA – S.P.
2010

GIOVANA FRANCO SEVES

UMA DISCUSSÃO SOBRE A BASE METAFÓRICA DAS FIGURAS DE LINGUAGEM

Monografia de Conclusão de Curso, apresentada ao Departamento de Língua da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras.

Linha de pesquisa: Ensino/ Aprendizagem de línguas

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Maria Helena de Moura Neves

ARARAQUARA – S.P.
2010

Seves, Giovana Franco

Uma discussão sobre a base metafórica das figuras de linguagem /
Giovana Franco Seves – 2010

39 f. ; 30 cm

Monografia de conclusão de curso (Graduação em Letras) –
Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras,
Campus de Araraquara

Orientador: Maria Helena de Moura Neves

1. Figuras de linguagem. 2. Base metafórica. 3. Base metonímica.
4. Metáfora conceptual. 5. Metáfora sistemática. I. Título.

GIOVANA FRANCO SEVES

UMA DISCUSSÃO SOBRE A BASE METAFÓRICA DAS FIGURAS DE LINGUAGEM

Monografia de Conclusão de Curso, apresentada ao Departamento de Língua da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras.

Linha de pesquisa: Ensino/ Aprendizagem de línguas
Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Maria Helena de Moura Neves

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Orientador: **Prof^ª. Dr^ª. Maria Helena de Moura Neves**
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Campus de Araraquara).

Membro Titular: **Prof^ª. Dr^ª. Rosane de Andrade Berlinck**
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Campus de Araraquara).

Membro Titular: **Prof. Dr. Antônio Suárez Abreu**
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Campus de Araraquara).

*Dedico este trabalho a todos que amo
e àqueles que me apoiaram nesse caminho
acadêmico.*

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e avós, que, desde a minha tenra idade, proporcionaram a oportunidade de realizar meus estudos, apoiaram-me em minhas escolhas, incentivaram-me nos momentos mais difíceis, e, principalmente, acreditaram que eu conseguiria.

A toda minha família, que é o meu alicerce.

Ao meu irmão, Bruno, que sempre foi o meu maior exemplo de força e garra.

À minha irmã Fernanda e a toda a sua família, que sempre me apoiaram, confiaram em mim e me incentivaram.

Às minhas companheiras de estágio e amigas, Taísa, Isabela, Deise, Fernanda e Mariana, que sempre se mostraram dispostas a me ajudar, que compartilharam as minhas dúvidas frequentes e que sempre se preocuparam comigo.

Ao Orlando, que, com carinho e paciência, compartilhou comigo as angústias decorrentes de um trabalho científico.

À Maria Helena de Moura Neves, minha orientadora, que durante quatro anos e meio guiou os meus passos, deu-me a oportunidade de realizar pesquisas científicas, e orientou-me impecavelmente. A ela, minha sincera e eterna gratidão pela confiança depositada em mim e em meu trabalho.

“Não são os grandes assuntos que fazem as grandes obras. A grande obra é produto da criação do artista que vence a banalidade do banal e toca nos problemas mais profundos do homem, colocando diante de si mesmo, diante do mundo, diante da transcendência.” (SCHÜLER, 1991, p.362)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo a análise de determinadas figuras de linguagem, com base na natureza do processo metafórico, partindo-se da hipótese de que elas se configuram por meio desse processo. A inspiração do trabalho foi a leitura do capítulo “Figuras de linguagem”, da obra *Lições de gramática de usos do português* (NEVES, no prelo), em que se dão lições sobre figuras de linguagem por meio de textos literários, invocando-se uma base metafórica para a sustentação geral das análises. A partir dessas lições, que já direcionaram agrupamentos e análises em Seves (2009), buscou-se uma reanálise das figuras segundo um direcionamento teórico de base cognitivista que corrobora essa concepção da origem dos processos figurativos. As bases de direcionamento teórico, nesse sentido, são: a teoria da metáfora conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980), que preconiza a metáfora como um fenômeno cognitivo (mental); e a corrente da metáfora sistemática (CAMERON, 2005 apud SARDINHA, 2007), que defende a atenção ao uso recorrente da metáfora na linguagem real, antes de se fazerem alegações sobre o funcionamento da mente. As análises apontaram para as seguintes conclusões: a) a teoria da metáfora conceptual pode ser considerada eficiente para o embasamento das análises, o que implica uma minimização do componente metonímico na avaliação dessas figuras; b) e, comprovadamente, na base da maioria das figuras encontradas está evidente a natureza de um processo metafórico.

Palavras – chave: Figuras de linguagem. Base metafórica. Base metonímica. Metáfora conceptual. Metáfora sistemática.

ABSTRACT

The aim of this work is the analysis of some figures of speech, which is based on the existence of a nature of metaphorical process. The research starts from the hypothesis that these figures form themselves by this process. The study is based on the reading of the chapter “Figuras de linguagem”, which is in the work *Lições de gramática de usos do português* (NEVES, in the press), in which are given lessons about figures of speech, using literary texts and suggesting a metaphorical base for the general sustenance of the analyses. From these lessons, that had already directed groupings and analyses in Seves (2009), a reanalysis was done according to a theoretical orientation which basis is cognitivist, what contribute to this idea about the origin of the figurative processes. The bases of the theoretical orientation, in this sense, are: the conceptual metaphor theory (LAKOFF; JOHNSON, 1980), which considers metaphor as a cognitive (mental) process; and the current of the systematic metaphor (CAMERON, 2005 apud SARDINHA, 2007) that defends the attention to the recurring use of metaphor in real language, before doing assertions about the mind’s functioning. The analyses indicated these conclusions: a) the theory of the conceptual metaphor can be considered efficient for the foundation of the analyses, what implies a minimization of the metonymic component in the exam of these figures; b) and in the basis of the majority of the founded figures it is evident the nature of a metaphorical process.

Keywords: Figures of speech. Metaphorical base. Metonymical base. Conceptual metaphor. Systematic metaphor.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p.9
1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	p.12
2 BASES TEÓRICAS	p.13
2.1 Metáfora conceptual	p.15
2.1.1 Desvios nos eixos da similaridade e da contiguidade: metáfora e metonímia	p.16
2.2 Metáfora sistemática	p.17
3 ANÁLISE DAS FIGURAS DE LINGUAGEM, SEGUNDO A PROPOSIÇÃO DA EXISTÊNCIA DE UMA BASE METAFÓRICA	p.18
3.1 A proposta de análise	p.18
3.2 Análise das diversas figuras de linguagem	p.19
3.2.1 Análise segundo a teoria da metáfora conceptual	p.19
3.2.1.1 Metáfora orientacional e primária enunciada como MAIS É PARA CIMA	p.19
3.2.1.2 Metáforas ontológicas	p.24
3.2.1.3 Metáforas de diferentes orientações	p.25
3.2.1.4 Metáforas cujo exame recorre a uma análise semiótica	p.28
3.2.2 Análise segundo a vertente da metáfora sistemática	p.31
3.3 A relação dessa análise com a análise tradicional das figuras de linguagem	p.32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	p.34
REFERÊNCIAS	p.36
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	p.38

INTRODUÇÃO

Nunca houve conferências de metáfora, em nenhuma cultura, até que esse nosso século entrasse na meia-idade. (...) Discussões explícitas sobre algo que se chama metáfora se multiplicaram astronômicamente nos últimos cinquenta anos. (...) Os estudiosos da metáfora pulularam. (...) Logo teremos sem dúvida mais metaforicistas do que metafísicos. (...) Eu peguei minha calculadora de bolso e extrapolei para o ano de 2030; naquela época haverá mais estudiosos de metáfora do que pessoas (BOOTH, 1979 apud SARDINHA, 2007, p.11).

A metáfora é vista por muitos, como afirmam Lakoff e Johnson (1980), como um recurso poético, um ornamento retórico, uma questão restrita à linguagem e uma questão mais de palavras do que de pensamentos e ações. Mas, mais do que isso, mostram os autores, a metáfora funciona em nossa mente; ela rege o nosso pensamento, não sendo apenas uma questão da linguagem. A metáfora é o instrumento que possuímos para criar novo conhecimento, para entender o mundo em que vivemos e para compreender a nossa cultura.

A noção primeira de metáfora surgiu com Aristóteles, no século IV a.C., em que foi definida como “a transposição do nome de uma coisa para outra” (ARISTÓTELES, *Arte poética*, XXI, 7, 332). Aristóteles assenta a existência de quatro tipos de metáfora: do gênero para a espécie, da espécie para o gênero, da espécie para a espécie e de analogia (ARISTÓTELES, *Arte poética*, XXI, 7, 332). Dentre esses tipos, pode-se notar casos que, atualmente, são classificados como outras figuras de linguagem, como a hipérbole e a sinédoque. Dentro da sua visão de metáfora, Aristóteles considera a comparação direta (também nomeada *imagem*) como uma metáfora, apontando haver apenas uma pequena diferença entre as comparações (ARISTÓTELES, *Arte retórica*, III, IV, 216).

A origem da palavra *metáfora*, assim como a dos nomes das outras figuras, vem do grego: metáfora vem de verbo “*metapherein*”, que significa “transportar”. Etimologicamente, o termo é formado por “*meta*, que quer dizer “mudança” e por “*pherein*” que significa “carregar” (SARDINHA, 2007).

De acordo com Sardinha (2007), ao longo dos séculos a ideia inicial de metáfora de Aristóteles foi desmembrada e refinada em muitas outras figuras de linguagem. Segundo o autor, possivelmente tal fato tenha ocorrido mais intensamente na Renascença, por ser essa uma época em que se classificava tudo em categorias. Encontram-se muitos desses esquemas classificatórios

das figuras de linguagem, podendo chegar a um repertório de 184 figuras, como o de *The Garden of Eloquence*, de Harry Peacham (1577/1593/1954), publicado na Inglaterra, no século XVI (SARDINHA, 2007).

No domínio dessas classificações, a metáfora é geralmente vista como apenas uma figura entre várias outras¹, como a alegoria, a antífrase, a antonomásia, a apostrofe, a catacrese, a circunlocução, a enálage, o aforismo, a hipálage, a hipérbole, o eufemismo, a hipófora, a ironia, a metonímia, o oxímoro, a parábola, o paradoxo, a paronomásia, a perífrase, a silepse, o zeugma, a prosopopeia e a sinédoque. Nesse âmbito, a metáfora é definida como uma figura que faz uma comparação explícita entre coisas, entidades e até mesmo entre assuntos que não são relacionados (SARDINHA, 2007).

Devido ao grande número de figuras de linguagem, as diferenças entre elas são muito sutis. Contudo, há a forte distinção que ainda se mantém: metáfora e metonímia (SARDINHA, 2007). A metáfora e a metonímia são processos de natureza diferente. A metáfora é principalmente um modo de conceber uma coisa em termo de outra, e a sua função primordial é a compreensão. A metonímia, em contraponto, tem principalmente uma função referencial, bem como a função de propiciar o entendimento. Mas essas duas figuras se assemelham quanto a não serem somente um recurso poético ou retórico, e não serem apenas uma questão da linguagem. Os conceitos metafóricos e os conceitos metonímicos não estruturam somente a nossa linguagem, mas os nossos pensamentos, as nossas atitudes, as nossas ações, e, também, baseiam-se na nossa experiência (LAKOFF; JOHNSON, 1980).

A metáfora e a metonímia geralmente são vistas em ligação com as outras figuras de linguagem, pois ambas são relacionadas diretamente com a estrutura do pensamento e com o arranjo gramatical de produção (NEVES, no prelo). Assim, pode-se propor uma base metafórica e/ou uma base metonímica para as figuras de linguagem. Mas é preciso, em primeira instância, compreender que não há uma dicotomia em torno dessa base. Afirmar que uma figura possui base metafórica não significa, por outro lado, apontar que ela não tem também origem no processo metonímico. Ocorre que algumas figuras podem ter uma base mais paradigmática (de metáfora) e outras podem ter uma base mais sintagmática (de metonímia) (NEVES, no prelo), mas na constituição de todas – como, em geral, na linguagem – há relações paradigmáticas e sintagmáticas.

¹ Aristóteles, contrariamente, considerava a metáfora a figura mestra.

O presente trabalho, partindo da noção de que existem relações essenciais entre a gramática (ou seja, o arranjo lexicogramatical para a produção de sentido) e a poesia (ou seja, a criação de significados na literatura) (NEVES, 2010), tem como objetivo a análise de determinadas figuras de linguagem, com base na natureza do processo metafórico, partindo da hipótese de que elas se configuram por meio desse processo². Especificamente, visa-se verificar: o conjunto de figuras que possuem base metafórica; qual(is) a(s) abordagem(ns) teórica(s) que explica(m) melhor a base destas figuras; o confronto entre a adoção de uma análise e a subdivisão tradicional das figuras em figuras de palavras, figuras de construção (sintaxe) e figuras de pensamento.

Dentre os estudos contemporâneos sobre a metáfora, ressalta a teoria da metáfora conceptual, de Lakoff e Johnson (1980) e a corrente da metáfora sistemática, de Cameron (2005 apud SARDINHA, 2007), as quais são as bases de direcionamento teórico desta pesquisa. Especialmente a vertente da metáfora conceptual, inserida no âmbito mais abrangente das Ciências Cognitivas, aparece no centro da ruptura que se deu em relação a uma tradição milenar sobre a metáfora, destacando a sua natureza conceptual. Por outro lado, em contraponto a essa teoria, e, em parte, devido à maior disponibilidade de dados sobre o uso da linguagem, ressalta, ainda, a vertente da metáfora sistemática, que preconiza a atenção ao uso recorrente da metáfora na linguagem real (SARDINHA, 2007).

² As figuras de linguagem que possuem base no processo metonímico não estão no cerne desta pesquisa.

1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo da metáfora como fenômeno cognitivo é investigação recente das ciências da linguagem, inserido na perspectiva de que a linguagem não é uma faculdade cognitiva autônoma, mas ligada a outras habilidades do pensamento humano.

Para a pesquisa que aqui se apresenta realizou-se, primeiramente, a leitura do capítulo “Figuras de linguagem”, a partir da gramática escolar *Lições de gramática de usos do português* (NEVES, no prelo). Paralelamente à atividade, foram estudadas obras que se detiveram nesse tipo de estudo, com destaque para *Metáfora*, de Sardinha (2007), *Metaphor we live by*, de Lakoff e Johnson (1980), e para *Metáfora: da retórica à semiótica*, de Lopes (1986), que proporcionaram o embasamento teórico primeiro para a investigação que se propõe.

Como primeira etapa de análise, de acordo com o direcionamento proposto em “Figuras de linguagem” (NEVES, no prelo), e com os apontamentos de Seves (2009), agruparam-se as figuras para as quais os trabalhos consultados indicavam origem no processo metafórico e/ou no processo metonímico. Restaram algumas figuras, para as quais, com base em Lakoff e Johnson (1980), Edward Lopes (1986) e Cameron (2005 apud SARDINHA, 2007) pôde ser indicada base metafórica e/ou base metonímica.

Diante dos dois grupos formados, foi selecionado o grupo das figuras que têm base no processo metafórico para uma análise aprofundada, que é o cerne dessa pesquisa. As figuras constituintes dessa seleção pertencem aos três grupos da subdivisão tradicional das figuras de linguagem: figuras de pensamento, figuras de palavras e figuras de construção (sintaxe).

O desenvolvimento teórico aprofundado da pesquisa ocorreu concomitantemente à análise das ocorrências encontradas.

2 BASES TEÓRICAS

Ao longo de séculos, na tradição retórica, a metáfora era – e ainda é – considerada um ornamento linguístico, sem nenhum valor cognitivo. Era vista como um desvio da linguagem usual e própria das linguagens especiais, como a poética e também a persuasiva (ZANOTTO, 2002). O predomínio dessa visão tradicional da metáfora, segundo Lakoff e Johnson (1980), justifica-se pelo que eles denominam “mito do objetivismo”, que desde os pré-socráticos até a atualidade permanece na cultura ocidental bem como em sua filosofia. Para eles, o objetivismo engloba “[...] todas as correntes da filosofia ocidental que assumem ser possível o acesso a verdades absolutas e incondicionais sobre o mundo objetivo e que entendem a linguagem como mero espelho da realidade objetiva” (ZANOTTO, 2002, p.11). Nesse quadro objetivista, a metáfora, assim como outras espécies de linguagem figurada, deveria ser evitada quando se quisesse falar objetivamente.

Entretanto, no século XX, uma mudança radical desse quadro começa a ocorrer. A visão da metáfora como uma figura de retórica, com todas as suas implicações (RICOEUR, 1975 apud ZANOTTO, 2002), tem suas bases questionadas, inicialmente por Richards (1936), posteriormente por Bearsdley (1958) e Black (1962) (ZANOTTO, 2002).

Contudo, é a partir da década de 1970 que se dá a alteração da visão de metáfora de maneira mais abrupta: coloca-se em questão o pressuposto fundamental do objetivismo e a forma como se concebem os conceitos de verdade, sentido, compreensão e metáfora. A mudança paradigmática rejeita o pressuposto objetivista do acesso ao conhecimento verdadeiro das coisas como elas são, e tem como ideia central o fato “de que a cognição é resultado de uma construção mental” (ORTONY 1993 apud ZANOTTO, 2002, p.13). Assim, a metáfora, nesse novo paradigma, tem seu valor cognitivo reconhecido, deixando de ser uma simples figura e assumindo o seu *status* de operação cognitiva fundamental.

Segundo Zanutto (2002), a partir de 1970 a metáfora se tornou o objeto central das ciências humanas, sobretudo, das ciências da linguagem e da psicologia cognitiva. E, nesse contexto de efervescência de estudos sobre metáfora e cognição, desenvolve-se, a teoria da

metáfora conceptual, proposta por Lakoff e Johnson (1980), inserida no âmbito da Linguística Cognitiva³, a qual provocou uma revolução nas pesquisas sobre a metáfora.

De acordo com a autora, Lakoff e Johnson seguiram o caminho aberto por Reddy (1979), analisando as expressões linguísticas e inferindo um sistema conceptual metafórico subjacente à linguagem, que influencia tanto o pensamento como a ação. A teoria proposta por eles em seu livro *Metaphor we live by* – teoria da metáfora conceptual – provocou uma revolução nas pesquisas sobre o tema, fazendo que se distinguissem, a partir de 1970, dois grandes momentos – o primeiro, na década de 1970, quando as pesquisas foram mais intensas na psicologia cognitiva; e o segundo, na década de 1980, quando se dá novo impulso às pesquisas sobre essa figura de linguagem (ZANOTTO, 2002).

Posteriormente a esse trabalho de Lakoff e Johnson, diversos estudos da metáfora foram realizados no âmbito da Linguística Cognitiva, como estes, apontados por Evans e Green (2006): Gibbs (1994), Gibbs e Steen (1999), Lakoff (1990, 1993), Lakoff e Johnson (1999), Grady (1997a, 1997b, 1998, 1999), Grady e Johnson (2000).

Outras vertentes estudam a metáfora, como a da metáfora gramatical, de Michael Halliday (1985 apud SARDINHA, 2007), e a da metáfora sistemática, de Cameron (2005 apud SARDINHA, 2007). A metáfora gramatical é uma teoria que põe em foco “[...] a tensão entre a função original de um recurso linguístico e o seu emprego na fala ou na escrita” (SARDINHA, 2007, p.59). Para o autor, “os recursos linguísticos disponíveis ao falante estão em sua mente” e “[...] o uso linguístico está subordinado às escolhas que existem no sistema linguístico”. (SARDINHA, 2007, p.59). A metáfora sistemática, já apontada como base de direcionamento teórico do trabalho, será apresentada a seguir.

Assim, tratar-se-á, nesse percurso, das vertentes centrais para a discussão da natureza de determinadas figuras de linguagem com base na natureza do processo metafórico. Tais bases de direcionamento teórico apresentam diferentes visões da metáfora, divergindo entre si em vários pontos.

³ “A linguística Cognitiva é uma abordagem da linguagem perspectivada como meio de conhecimento e em conexão com a experiência humana do mundo. As unidades e as estruturas da linguagem são estudadas, não como se fossem entidades autônomas, mas como manifestações de capacidades cognitivas gerais, da organização conceptual, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento e da experiência cultural, social e individual” (SILVA, 1997, p.49)

2.1 Metáfora conceptual

A teoria da metáfora conceptual, formulada por George Lakoff e Mark I. Johnson (1980) propõe que a metáfora “[...] pertence previamente ao domínio do pensamento, e só depois à linguagem” (FERRÃO, 2008, p.4). Com essa teoria, rompeu-se com a tradição milenar sobre a metáfora, na qual a figura era apenas um artifício literário, e ela foi inserida no âmbito das Ciências Cognitivas, destacando-se a sua natureza conceptual.

Antes vista como um ornamento retórico, a metáfora é um mecanismo importante na compreensão e na explicação da cognição humana. Ela está presente na vida cotidiana, não apenas na linguagem como também no pensamento e na ação. O sistema conceptual ordinário “é fundamentalmente metafórico por natureza” (ZANOTTO, 2002, p.45).

Segundo Lakoff e Johnson (1980), a essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra. Uma “metáfora conceptual” “[...] é uma maneira convencional de conceitualizar um domínio de experiência em termos de outro, normalmente de modo inconsciente” (LAKOFF apud SARDINHA, 2007, p.30). Os conceitos de metáfora e de “metáfora conceptual”, nessa teoria, são sinônimos. Assim, para fazer referência às metáforas produzidas, usa-se o termo “expressão metafórica”. As “metáforas conceptuais” licenciam as “expressões metafóricas”.

Outros conceitos relevantes a essa teoria, de acordo com Sardinha (2007), são “domínio”, “mapeamentos” e “desdobramentos”. O “domínio” é a área do conhecimento ou experiência humana utilizada na metáfora; há dois tipos dele, o “domínio-fonte” – aquele a partir do qual se conceitua algo metaforicamente – e o “domínio-alvo” – aquele que se deseja conceitualizar. Os “mapeamentos” são as relações realizadas entre esses “domínios”, e os “desdobramentos” são as inferências que se pode fazer com uma “metáfora conceptual”.

Dentre as características dessa corrente está a de a “metáfora conceptual” ser vista como cultural: a metáfora reflete o modo como um grupo de pessoas vê o mundo através da sua cultura. Outra é a de as metáforas serem inconscientes e automáticas. Geralmente, não há nenhum esforço para entender uma “expressão metafórica”, pois ela aciona automaticamente a “metáfora conceptual” correspondente no sistema conceptual.

Lakoff e Johnson (1980) classificam as metáforas em tipos: metáforas estruturais, metáforas orientacionais, metáforas ontológicas, e ainda, personificação. As metáforas estruturais

são aquelas em que um conceito é estruturado metaforicamente em termos de outro, e que resultam de mapeamentos complexos, como DISCUSSÃO RACIONAL É GUERRA. As metáforas orientacionais são as que envolvem uma direção, e que são gerais, como MAIS É PARA CIMA. As metáforas ontológicas são as que concretizam algo abstrato sem estabelecer mapeamentos, como INFLAÇÃO É UMA ENTIDADE. E a personificação é uma metáfora ontológica em que a entidade é especificada como se fosse uma pessoa, como INFLAÇÃO É UM ADVERSÁRIO.

2.1.1 Desvios nos eixos da similaridade e da contiguidade: metáfora e metonímia

Seguindo os pressupostos da corrente da metáfora conceptual, Edward Lopes (1986) faz uma análise semiótica da metáfora. Dentre os pontos estudados, apresenta-se a formulação clássica dos dois eixos da linguagem, estabelecida por Jakobson, e definem-se os desvios que eles podem sofrer.

Em uma sequência linear de fala, as palavras estão ligadas por vínculos de similaridade e por vínculos de contiguidade, evidenciando, na língua, a existência de dois tipos de relações, cada uma situada num diferente eixo da linguagem. As relações de similaridade (relações verticais) são aquelas que estruturam os contextos pressupostos do discurso, os quais se organizam como classes de sentidos sobre o eixo paradigmático da linguagem. Pode-se dizer que o eixo paradigmático é aquele no qual ficam estocados conjuntos de classes, em que as formas (estruturas semânticas) se enquadram; e essas formas se associam pelo mesmo marcador semântico. Em contraponto, as relações de contiguidade (relações horizontais) se dão entre os elementos presentes na cadeia linear da fala, estruturando o contexto posto no eixo sintagmático (LOPES, 1986).

Para que se forme um enunciado, é necessário que o elemento selecionado no interior de uma classe paradigmática (eixo paradigmático) combine linearmente (eixo sintagmático) com o elemento escolhido em outro paradigma, com o qual ele formará um sintagma.

Há, porém, desvios nessas relações de contiguidade e similaridade quando utilizamos a linguagem figurada, criando figuras de linguagem diferentes. As referências paradigmáticas constituídas por relações de similaridade impróprias constroem a metáfora, e as referências sintagmáticas com relações de contiguidade impróprias produzem a metonímia ou a sinédoque.

2.2 Metáfora sistemática

A metáfora sistemática é uma corrente de pesquisa recente, fundada por Lynne Cameron, em meados de 2000, e também conhecida como “abordagem discursiva” ou “metáfora em uso”. Seus pressupostos teóricos ainda não foram coligidos em teoria, mas, juntamente com uma linha metodológica, estabelecem procedimentos para a pesquisa com a metáfora (SARDINHA, 2007).

O principal aspecto dessa vertente é o foco dado à metáfora em uso. As metáforas recorrentes – série de “metáforas lingüísticas” – são o ponto inicial do estudo: elas “[...] sistematicamente indicam que os participantes de uma interação estão ativando algum tipo de representação metafórica mental” (SARDINHA, 2007, p.37). A presença dessa interação indica que a metáfora é entendida como um processo social, concepção que diverge das outras, em que em que é tida um fenômeno individual.

Os seguidores dessa corrente acreditam que o estudo deve partir da recorrência da metáfora na linguagem real, para, posteriormente, fazer alegações sobre o processamento mental dos que usaram da metáfora. Desse modo, é necessária uma ocorrência sistemática de “metáforas lingüísticas” para que se alegue que alguma metáfora abstrata e mental tenha sido acessada.

Alguns conceitos e termos intrínsecos a essa abordagem são “metáfora sistemática”, “metáfora lingüística”, “Veículo”⁴, “Tópico” e “Domínio”. Os três últimos, que não constituem tópico de tratamento deste trabalho, merecem, entretanto, alguma explicação.

Os termos “Veículo” e “Tópico” são tidos na teoria como de extrema importância para a análise da “metáfora lingüística”. Ela é uma unidade de sentido usada metaforicamente, e dentro dela se encontram: o “Veículo”, parte que contém palavras usadas metaforicamente, e o “Tópico”, porção não-metafórica da expressão. Os “Domínios”, por sua vez, são as áreas de conhecimento ou interação humana referentes ao “Veículo” e ao “Tópico”. Em ‘Maria subiu na vida’, o “Tópico” é ‘Maria’ e os “Veículos” são ‘subiu na vida’. Assim, o domínio de “Veículo” é ‘subir escadas’ e o domínio de “Tópico” é ‘enriquecer’.

Todos esses conceitos estruturam o conceito de “metáfora sistemática”, que é “[...] um grupo de termos ligados semanticamente (em conjunto com seus sentidos e seu afeto) de um

⁴ De acordo com a convenção de Lynne Cameron (2003 apud SARDINHA, 2007), esses termos são escritos com a inicial maiúscula.

domínio de “Veículo”, que são usados para falar sobre um conjunto conexo de ideias de “Tópico” durante um evento discursivo” (CAMERON, 2005 apud SARDINHA, 2007, p. 38).

3 ANÁLISE DAS FIGURAS DE LINGUAGEM, SEGUNDO A PROPOSIÇÃO DA EXISTÊNCIA DE UMA BASE METAFÓRICA

3.1 A proposta de análise

A partir de 1970, como já dito, a metáfora se tornou objeto de interesse central das ciências humanas, mais especificamente da psicologia cognitiva e das ciências da linguagem. Nesse contexto, seguindo um caminho diferente do percorrido pelos psicólogos cognitivistas, Lakoff e Johnson (1980) partiram da análise de expressões linguísticas e inferiram um sistema conceptual metafórico subjacente à linguagem, que influencia tanto o nosso pensamento como a nossa ação (ZANOTTO, 2002). Mais recentemente, em meados de 2000, Cameron (2005 apud SARDINHA, 2007) fundou a vertente da metáfora sistemática, em que se deu foco à metáfora em uso.

Neste estudo, levando em consideração os princípios da teoria da metáfora conceptual, de Lakoff e Johnson (1980), em que a primazia é dada ao estudo das “metáforas conceptuais”, as figuras **sinestesia**, **catacrese**, **aliteração**, **assonância**, **paronomásia**, **pleonasma**, **polissíndeto**, **anáfora**, **paralelismo**, **eufemismo**, **hipérbole**, **paradoxo**, **personificação**, **silepse**, **antítese** e **ironia** foram analisadas e mostraram, na análise, uma base ligada ao processo metafórico.

A maior parte dessas figuras apresentou, dentro da teoria da metáfora conceptual, a metáfora que é orientacional e é primária⁵ assim enunciada: **MAIS É PARA CIMA**. São essas figuras que se apresentarão em primeiro lugar na análise.

As figuras **catacrese** e **personificação** foram agrupadas, na análise, por ambas possuírem, na base, uma metáfora ontológica. Também foram agrupadas a **silepse**, a **antítese** e a **ironia**, por se prestarem a uma análise com base na leitura semiótica da metáfora, de Lopes (1986).

⁵ As metáforas primárias são um conjunto de “metáforas conceptuais” que revelam uma profunda relação entre o uso da palavra, a estrutura conceptual e a forma como experienciamos o mundo. Essas metáforas (Grady, Taub e Morgan 1996; Grady 1997a; Lakoff e Johnson, 1999) são padrões simples, que mapeiam os conceitos fundamentais de percepção. Elas parecem surgir diretamente da experiência, diferentemente das metáforas mais complexas, como *THEORIES ARE BUILDINGS*, que resultam de mapeamentos complexos (GRADY, 2007).

As figuras **eufemismo**, **sinestesia** e **paronomásia**, por não apresentarem uma orientação comum, foram estudadas individualmente, com análise dirigida pela teoria da metáfora conceptual.

Por fim, as figuras **alegoria** e **sinestesia** (esta última analisada, também, por meio da teoria da metáfora conceptual) foram agrupadas, por mostrarem uma base comum de análise ligada à metáfora sistemática.

3.2 Análise das diversas figuras de linguagem

3.2.1 Análise segundo a teoria da metáfora conceptual

3.2.1.1 Metáfora orientacional e primária enunciada como MAIS É PARA CIMA

Aliteração

A repetição de fonemas consonantais iguais ou de natureza semelhante constitui a **aliteração**. A música *Segue o seco*, de Carlinhos Brown, presente em Neves (no prelo), é construída a partir dos fonemas consonantais /s/ e /k/, que compõem a palavra seca, e dão uma sensação de aridez:

[...]
A boiada seca
Na enxurrada seca
A trovoada seca
Na enxada seca
*Segue o seco sem sacar que o **caminho** é seco*
sem sacar que o espinho é seco
*sem sacar que seco é o **Ser Sol***
Sem sacar que algum espinho seco secará
E a água que sacar será um tiro seco
E secará o seu destino secará
 [...]

A reiteração desses fonemas surdos dá a noção de que, quanto maior a sua quantidade, maior será a intensidade do significado de *secura* que se deseja transmitir. Diante disso, nota-se que a **aliteração** tem como base a “metáfora conceptual” MAIS É PARA CIMA: quanto maior a

quantidade de fonemas consonantais iguais ou semelhantes, a intensidade da significação atingirá um nível mais alto, maior.

Assonância

A repetição de sons vocálicos em sílabas tônicas é nomeada **assonância**. A *onda*, de Manuel Bandeira, apresentada por Neves (no prelo) para exemplificar essa figura de linguagem, é composta pela repetição dos fonemas /ã/, /õ/ e /ĩ/:

*A onda anda
aonde anda
a onda?
A onda ainda
ainda anda
aonde?
Aonde?
a onda anda.*

Assim como na **aliteração**, a metáfora que dá base a esta figura é MAIS É PARA CIMA. Quanto maior a quantidade de sons vocálicos repetidos, mais alta será a intensidade da significação que se quer obter. Nesse poema, por exemplo, a repetição dos fonemas nasais /ã/, /õ/ e /ĩ/ em sílabas acentuadas reproduz, no plano sonoro, o movimento das ondas, intensificando o aspecto tematizado no texto.

Pleonasmo

Essa figura consiste na repetição de um termo ou de uma ideia, com o efeito de realçar ou reforçar algo. Neves (no prelo) apresenta dois tipos de **pleonasmo**, o léxico – repetição de uma palavra ou expressão – e o sintático – de sujeito, de objeto direto, de objeto indireto, etc. Um dos exemplos apresentados na obra é o verso a seguir, de Camões:

Vi, claramente visto, o lume vivo.

Nessa passagem, Vasco da Gama relata ao Rei de Melinde a visão de uma pequena chama que aparece na extremidade dos mastros de navios, conhecida como lume vivo. Quando o narrador utiliza pleonasticamente o particípio do verbo *ver* (*visto*), depois de fazer uso do

pretérito deste verbo (*vi*) no mesmo verso, ele revela o seu espanto diante da visão de um fenômeno raro, ou seja, ele realça o fato de ter visto a pequena chama, que é tão rara.

Compreende-se, assim, que quanto mais uma expressão ou uma ideia aparecer, maior será a chance de ser apreendida, maior será a intensidade de significação que se obtém, construindo-se a ideia de que “mais é melhor”. Lakoff e Johnson (1980) dizem que a ideia “mais é melhor” é coerente com a metáfora orientacional MAIS É PARA CIMA. Dessa maneira, a figura **pleonasm**o tem como base uma “metáfora conceptual”. Deve-se levar em consideração que “[...] os valores fundamentais de uma cultura serão coerentes com a estrutura metafórica dos conceitos fundamentais dessa cultura” (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p.71), podendo, portanto, a metáfora MAIS É PARA CIMA ser coerente em nossa cultura, mas não ser em outras.

Polissíndeto

O **polissíndeto** consiste na repetição de conjunções, especialmente a coordenativa *e*. Dentre outros exemplos, Neves (no prelo) apresenta os versos iniciais de *A um poeta*, de Olavo Bilac:

*Longe do estéril turbilhão da rua,
Benedito escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego,
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua.*

No último verso, a conjunção *e* aparece três vezes, pondo em destaque rítmico os verbos utilizados para especificar o trabalho de escrever do poeta. O **polissíndeto**, assim como as demais figuras já apresentadas, tem como base a metáfora MAIS É PARA CIMA: quanto maior o número de conjunções, mais alta será a intensidade da significação inerente a esses elementos. Bilac poderia utilizar vírgulas para acrescentar outros verbos ao verso, para descrever o trabalho de um poeta; entretanto, não transmitiria a intensidade da construção de um poema, como obteve com o uso recorrente da conjunção *e*. Essa conjunção destaca os verbos de ação (*trabalhar*, *teimar*, *limar* e *sofrer*) e exprime o quão árduo é o ato de produzir de um poeta.

Anáfora e paralelismo

Outras duas figuras que têm como base a metáfora MAIS É PARA CIMA são a **anáfora** e o **paralelismo**. A **anáfora** é a repetição de sintagmas (palavras ou expressões) a espaços

regulares, e geralmente ocorre em inícios de versos, frases ou sucessivos membros de frases. Entre os exemplos selecionados por Neves (no prelo), encontra-se:

*Noite – montanha. Noite vazia. Noite indecisa.
Confusa **noite**. Noite à procura, mesmo sem alvo.
(Carlos Drummond de Andrade)*

O **paralelismo**, por sua vez, é a “repetição de termos ou construções com correspondência sintática e semântica, além de rítmica” (NEVES, no prelo). Na mesma obra, a autora utilizou o poema *A estrela*, de Manuel Bandeira, para exemplificar esta figura:

*Vi **uma estrela** tão alta,
Vi **uma estrela** tão fria!
Vi **uma estrela** luzindo
Na minha vida vazia.*

*Era **uma estrela** tão alta!
Era **uma estrela** tão fria!
Era **uma estrela** sozinha
Luzindo no fim do dia
(...)*

Como se observa, as duas figuras se configuram pela repetição – ou de sintagmas, ou de termos ou construções com correspondência sintática, semântica e rítmica –, assim como a **aliteração**, a **assonância**, o **pleonasma** e o **polissíndeto**. Dessa maneira, pode-se dizer que essas figuras são baseadas na metáfora MAIS É PARA CIMA: a repetição, ou seja, a maior quantidade de sintagmas, reflete-se no aumento da significação do conteúdo.

Em seu poema, Drummond enfatiza a **noite**. Ele poderia dizer simplesmente: *Noite – montanha. Noite vazia, indecisa, confusa; à procura, mesmo sem alvo*. Mas repetiu o substantivo **noite** diversas vezes, para ressaltar como era melancólico aquele momento para ele.

Nos trechos de *A estrela*, o poeta ressalta que viu uma estrela, e diz como era ela. Assim como Drummond, ele poderia apenas dizer uma vez *Vi uma estrela tão fria* e *Era uma estrela sozinha*, e dar sequência ao texto. Porém, Bandeira enfatizou a sua perspectiva diante daquele corpo “celeste”.

Hipérbole

O exagero de expressão consiste na **hipérbole**. Para exemplificar esta figura, Neves (no prelo) utilizou uma frase pronunciada por um personagem de peça teatral:

Mil perdões por este incômodo. (COR)

Nessa ocorrência, o personagem procura amplificar o seu pedido de perdão acrescentando o numeral de valor elevado *mil* a *perdões*. Neves (no prelo) explicita que frequentemente a **hipérbole** nasce de uma metáfora, e essa frase é um exemplo: *Mil perdões por este incômodo* é uma “expressão metafórica” licenciada pela metáfora MAIS É PARA CIMA. O personagem fez uso do exagero para demonstrar o quanto deseja o perdão de alguém: se ele dissesse *Perdão por este incômodo* a alguma pessoa, esta saberia que ele reconhece estar incomodando; mas, com *Mil perdões*, ele demonstra saber que está incomodando bastante, que se sente culpado, e que, mesmo assim, precisa dizer ou fazer algo. Desse modo, esse numeral bastante elevado acrescentado a *perdões* torna intenso o seu pedido de desculpas.

Paradoxo

A figura **paradoxo** é a “contradição aparentemente inconciliável com a qual se obtém efeito expressivo” (NEVES, no prelo). Dentre os exemplos selecionados por Neves, encontra-se o soneto antológico *Amor é fogo que arde sem se ver*, de Camões:

*Amor é fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente
É dor que desatina sem doer*

No poema, Camões associa termos contraditórios para classificar o amor, algo tão abstrato e contraditório em si.

Levando-se em consideração os princípios da teoria de Lakoff e Johnson (1980), compreende-se que o **paradoxo** tem como base a metáfora MAIS É PARA CIMA: quanto mais contraditórios forem os sintagmas utilizados, maior será o efeito expressivo. No caso do poema, por exemplo, quanto mais contraditórias são as palavras para explicar o amor, maior é o efeito explicitado de que o amor não tem uma definição lógica e pacífica, ele é contraditório em si.

3.2.1.2 Metáforas ontológicas

As figuras **personificação** e **catacrese** apresentaram, também, um processo metafórico de base. As expressões linguísticas selecionadas para análise foram licenciadas por metáforas ontológicas, que serão especificadas a seguir:

Personificação

A **personificação** é a atribuição de qualidades e sentimentos humanos a seres inanimados e irracionais. De acordo com Lakoff e Johnson (1980), essa figura de pensamento é uma extensão da metáfora ontológica, o que permite dar sentido a fenômenos do mundo – os quais podem ser compreendidos com base em nossas próprias ações, motivações, características e objetos – em termos humanos.

Neves (no prelo) exemplificou a **personificação** com um poema de Paulo Leminski:

*um bom poema leva anos
cinco **jogando** bola,
mais cinco **estudando** sânscrito,
seis **carregando** pedra,
nove **namorando** a vizinha,
sete **levando** porrada,
quatro **andando** sozinho,
três **mudando** de cidade,
dez **trocando** de assunto,
uma eternidade, eu e você,
caminhando junto*

Nesse exemplo, o poeta trata o poema como uma pessoa: o poema joga bola, estuda sânscrito, carrega pedra, namora a vizinha, leva porrada, anda sozinho, muda de cidade e troca de assunto. Todas essas ações realizadas pelo “poema” são, na realidade, ações que só podem ser realizadas por seres humanos. Com base na visão da metáfora conceptual, as “expressões metafóricas” destacadas acima são licenciadas pela metáfora ontológica O POEMA É UMA PESSOA: afinal, o ser inanimado poema passa a ter capacidades de seres animados.

Catacrese

A metáfora que explica a base da **catacrese** é uma subclasse das metáforas ontológicas, a metáfora de recipiente. A **catacrese** “é uma expressão metafórica em que duas palavras se unem, perdendo uma delas a sua especificidade de sentido e passando a valer por algo semelhante” (NEVES, no prelo), ou seja, ela ocorre quando, na ausência de uma palavra específica para designar um certo objeto, utiliza-se outro sintagma a partir de uma semelhança conceitual. Tal semelhança ocorre no eixo paradigmático, assim como na metáfora, em que há uma associação mental a um elemento ausente.

Dentre os exemplos apresentados por Neves (no prelo) há *enterrar na pele*. Nessa “expressão metafórica” ocorre a aproximação dos conceitos *terra* e *pele*. O verbo *enterrar* é, na realidade, utilizado em relação ao conceito *terra*, mas, nesse sintagma, ele é ligado à *pele*. Estabeleceu-se, assim, uma semelhança entre os dois conceitos.

A “metáfora conceptual” que licenciou a expressão *enterrar na pele* é PELE É UM RECIPIENTE. Seguindo o raciocínio de que há uma ligação entre *pele* e *terra*, tem-se a metáfora TERRA É UM RECIPIENTE, e, assim, PELE É TERRA. A contração de preposição com artigo *na*, de *na pele*, permite que se percebam os conceitos *pele* e *terra* com base na noção espacial. Logo, pode-se dizer que *pele* e *terra* são como recipientes, em que podem ser introduzidas substâncias.

Os seres humanos são demarcados e separados do resto do mundo pela superfície de suas peles, e experienciam o resto do mundo como algo fora de si. Cada ser é um recipiente com uma superfície demarcadora e uma orientação dentro-fora. Os objetos, o campo visual, os eventos, as ações, as atividades e os estados também podem ser compreendidos como recipientes. (LAKOFF; JOHNSON, 1980)

3.2.1.3 Metáforas de diferentes orientações

Eufemismo

O **eufemismo** apresentou como base uma metáfora orientacional. O **eufemismo** é a figura de linguagem que emprega expressões ou relatos de modo mais agradável, suave ou polido. *Em*

Querem meu sangue, letra de Jimmy Cliff, usada por Neves (no prelo) para exemplificar essa figura, há:

*Dizem que guardam bom lugar para mim no céu
Logo que **eu for pro bebeléu**
(...)*

Ao falar sobre a sua morte, Jimmy Cliff suavizou a expressão com um **eufemismo**, por ser a morte algo muito doloroso e que causa forte impacto sobre as pessoas. Assim, compreende-se que o ato de suavizar o relato (diminuir a intensidade dele) se refletiu na diminuição do impacto causado.

Levando-se em consideração os preceitos de Lakoff e Johnson (1980), a metáfora conceptual é a vertente mais adequada à análise dessa figura. A metáfora MENOS É PARA CIMA baseia o **eufemismo**: quanto mais suave for um relato ou expressão (menos intensidade), mais positivo será o efeito provocado; como na teoria matemática, em que a operação com sinais negativos (menos) pode provocar o resultado positivo.

Sinestesia

A figura **sinestesia** apresenta como base uma metáfora estrutural. Ela consiste na fusão, numa mesma expressão, de sensações percebidas por diferentes órgãos dos sentidos. De acordo com Neves (no prelo), ela é uma espécie de metáfora. Realmente, a **sinestesia** pode ser assim compreendida, por nela serem relacionados elementos de universos diferentes, como ocorre na metáfora.

No soneto *Cristais*, de Cruz e Souza, utilizado por Neves (no prelo) para exemplificar essa figura, encontra-se

*Mais **claro e fino** dos que as finas pratas
O **som** da tua voz deliciava...
[...]
Era um **som feito luz**, eram **volatas**
Em lânguida espiral que iluminava
Branças sonoridades de cascatas...
Tanta **harmonia** melancolizava*

Nesse trecho há uma associação entres percepções sensoriais diferentes que configuram o **som** como **claro, fino e luminoso**. Essas percepções se resumem na palavra **harmonia**. O som é,

na realidade, uma sensação de apreensão auditiva, mas no soneto é visto como uma sensação de apreensão visual. Levando em consideração os princípios da metáfora conceptual, de Lakoff e Johnson (1980), as “expressões metafóricas” que constituem o soneto são licenciadas pela metáfora A SONORIDADE É UMA APREENSÃO VISUAL.

Paronomásia

Outra figura que apresentou base no processo metafórico é a **paronomásia**, a qual mostrou como a metáfora pode dar sentido à forma. A **paronomásia** é a “aproximação de palavras com sons assemelhados” (NEVES, no prelo). O trecho a seguir foi retirado da letra *Vai (Menina amanhã de manhã)*, de Tom Zé e Perna, e está dentre os exemplos apresentados por Neves (no prelo) para esta figura:

[...]
Menina, a felicidade
*é cheia de **praça***
*é cheia de **traça***
*é cheia de **lata***
*é cheia de **graça***
a menina, a felicidade
*é cheia de **pano***
*é cheia de **peno***
*é cheia de **sino***
*é cheia de **sono***
menina, a felicidade
*é cheia de **ano***
*é cheia de **eno***
*é cheia de **hino***
*é cheia de **ONU**.*
 [...]

No trecho acima, as palavras **praça**, **traça** e **graça** estão próximas sintaticamente, assim como **pano** e **peno**, **sino** e **sono**, **ano** e **eno**, e **hino** e **onu**. Essas palavras apresentam semelhanças tanto na sonoridade quanto na forma.

Segundo Lakoff e Johnson (1980), a metáfora pode aplicar-se à forma sintática da frase, na qual facilmente se observa o grau de proximidade entre expressões. Como as palavras **praça**, **traça** e **graça**, **pano** e **peno**, **sino** e **sono**, **ano** e **eno**, **hino** e **onu** são muito semelhantes e o que se quer é evidenciar as diferenças de sentido, compreende-se que a “metáfora conceptual” que

baseia a **paronomásia** é QUANTO MAIOR É A PROXIMIDADE, MAIOR É O EFEITO: as palavras semelhantes estão tão próximas que ressaltam ainda mais as diferenças de sentido entre elas.

3.2.1.4 Metáforas cujo exame recorre a uma análise semiótica

Silepse

A análise da figura **silepse** teve como embasamento teórico a análise semiótica da metáfora (LOPES, 1986), em que se apresenta a formulação clássica dos dois eixos da linguagem e se definem os desvios que esses eixos podem sofrer. Lopes (1986) segue os pressupostos da corrente da metáfora conceptual, mas as suas análises não têm ponto de partida na observação das “metáforas conceptuais”, e, sim, na análise dos eixos paradigmático e sintagmático.

A **silepse** é a “concordância com palavras ou noções pressupostas ou implicadas na frase, não com os termos explícitos” (NEVES, no prelo). Segundo a autora, a concordância deixa de prender-se ao nível da expressão e fixa-se ao nível do conteúdo. A **silepse** pode ser de número, ou de gênero, ou de pessoa, como no exemplo a seguir, extraído de Neves (no prelo):

Os portugueses somos do ocidente. (Camões)

Nessa frase, a concordância não foi feita com o sujeito da frase, *os portugueses*, mas, sim, com o pronome pessoal **nós** que está implícito: *nós, os portugueses, somos do ocidente.*

De acordo com Lopes (1986), “[...] um paradigma constitui [...] um microuniverso de elementos que devido ao fato de serem semelhantes entre si podem se substituir mutuamente no mesmo ponto da cadeia do discurso, conservando aproximadamente o mesmo sentido da cadeia original” (LOPES, 1986, p.20). No caso da **silepse**, as palavras ou noções estão pressupostas ou implícitas, e o termo explícito encontra-se no mesmo eixo paradigmático que essas palavras ou noções. Por exemplo:

<i>Os portugueses</i>	<i>somos</i>	<i>do ocidente</i>
↓	↓	↓
<i>Nós</i>	<i>somos</i>	<i>do ocidente</i>

Nesse caso, nota-se que a ideia expressa na primeira frase é a mesma expressa na segunda. Logo, dizer que *os portugueses somos do ocidente* (em que está implícita a primeira pessoa do plural) é o mesmo que dizer *nós somos do ocidente*. As pessoas de quem se fala são as mesmas, *nós, os portugueses*. Os sujeitos *os portugueses* e *nós* encontram-se no mesmo paradigma em que se pode escolher as formas (expressões) que carregarão o sentido que se deseja. As duas formas fazem a mesma referência. Assim, a **silepse** tem como base a metáfora exatamente por estar relacionada ao eixo paradigmático de um enunciado.

Antítese

Como a análise da **silepse**, a análise da figura **antítese** teve como embasamento teórico a leitura semiótica da metáfora, de Lopes (1986). A **antítese** é a associação de ideias contrárias, por meio de palavras ou enunciados de sentido oposto. Neves (no prelo) exemplifica a **antítese** com o soneto *Contrastes*, de Augusto dos Anjos:

*A antítese do novo e do obsoleto,
O Amor e a Paz, o Ódio e a Carnificina,
O que o homem ama e o que o homem abomina,
Tudo convém para o homem ser completo!*

*O ângulo obtuso, pois, e o ângulo reto,
Uma feição humana e outra divina
São como a eximenina e a endimenina
Que servem ambas para o mesmo feto!*

*Eu sei tudo isso mais do que Eclesiastes!
Por justaposição destes contrastes,
Junta-se um hemisfério a outro hemisfério,*

*Às alegrias juntam-se as tristezas,
E o carpinteiro que fabrica as mesas
Faz também os caixões do cemitério!...*

Segundo Neves (no prelo), a **antítese** é um contraste em que se aliam o nível do conteúdo e o nível da expressão; assim, pode-se afirmar que se trata de um contraste em que se aliam os eixos paradigmático e sintagmático, respectivamente.

Apesar de a **antítese** resolver-se no eixo sintagmático, o que realmente lhe dá sentido é o contraste obtido na escolha das formas (estruturas semânticas) dentro do eixo paradigmático.

3.2.2 Análise segundo a vertente da metáfora sistemática

A noção de metáfora sistemática, de Cameron (2005 apud SARDINHA, 2007), possibilitou, de modo mais eficaz, a análise da base metafórica da **alegoria**; e explicou, também, a base metafórica da figura **sinestesia**, já analisada por meio da teoria da metáfora conceptual.

Alegoria

“A **alegoria** é um todo de significado metafórico particular, uma completa transposição de sentido fundada em semelhança” (NEVES, no prelo); ou seja, é um conjunto de metáforas. Neves (no prelo) apresentou a crônica *No deserto*, de Luis Fernando Veríssimo, como exemplo para essa figura:

*É frequente a analogia que fazem do dinheiro com a água. Falam em “**irrigar**” o **mercado** quando liberam dinheiro e em “**fontes**” de recursos que **secaram** quando o investimento estrangeiro rareia, com medo das “**marolas**” na economia. Pessoas e países ficam “**afogados**” em dívidas, com “**água pelo pescoço**” ou se debatendo para manter-se “**à tona**”.*

O texto é construído por várias metáforas, que formam, no conjunto, o que se pode considerar uma **alegoria**. As expressões destacadas apenas em negrito têm como “metáfora sistemática” O DINHEIRO É ÁGUA. Irrigar, fontes, marolas, afogados, água pelo pescoço, e à tona são sintagmas ligados a água, e, aqui, estão sendo ligados a dinheiro: *irrigar o mercado*, neste caso, é o mesmo que liberar dinheiro; *fontes de recurso que secaram* é o mesmo que o dinheiro acabar; as *marolas* da água estão sendo comparadas com as dificuldades da economia; *afogar-se* está usado para falar de pessoas e países cheios de dívidas; estar com *água pelo pescoço* é o mesmo que as pessoas ou os países atingirem o seus limites; e estar *se debatendo para manter-se à tona* é o mesmo que estar trabalhando, buscando maneiras de não perder tudo. A sistematicidade está, aqui, no uso recorrente dessas expressões, que constroem o sentido metafórico de dinheiro, por meio da relação entre o dinheiro e a água. Assim, diversas “metáforas linguísticas” (unidades de sentido usadas metaforicamente) são licenciadas por apenas uma “metáfora sistemática”.

Sinestesia

Para a análise da **sinestesia** por via da vertente da metáfora sistemática, selecionou-se o mesmo exemplo já aqui analisado por meio da teoria da metáfora conceptual:

*Mais **claro e fino** dos que as finas pratas
O som da tua voz deliciava...
[...]
Era um som feito luz, eram volatas
Em lânguida espiral que iluminava
Branças sonoridades de cascatas...
Tanta harmonia melancolizava*

A “metáfora sistemática” A SONORIDADE É UMA APREENSÃO VISUAL resume as “metáforas lingüísticas” *Mais claro e fino do que as finas pratas/ O som da tua voz deliciava, Era um som feito luz, eram voltadas, Em lânguida espiral que iluminava/ Brancas sonoridades de cascatas*. A sistematicidade está no uso recorrente dessas expressões, que constroem a ideia (metafórica) de som como uma sensação de apreensão visual.

3. 3 A relação dessa análise com a análise tradicional das figuras de linguagem.

As figuras de linguagem analisadas abrangem os três grupos da subdivisão tradicional das figuras: figuras de palavras, figuras de construção (sintaxe) e figuras de pensamento. De acordo com Neves (no prelo), segundo a tradição, as figuras **alegoria**, **sinestesia**, **catacrese**, **aliteração**, **assonância** e **paronomásia** catalogam-se como figuras de palavra; o **pleonismo**, o **polissíndeto**, a **silepse**, a **anáfora** e o **paralelismo** catalogam-se como figuras de construção (sintaxe); e a **antítese**, o **eufemismo**, a **hipérbole**, a **ironia**, o **paradoxo**, e a **personificação** catalogam-se como figuras de pensamento.

Essa subdivisão há anos é apresentada pelos livros escolares, e até mesmo por obras não didáticas, em lições sobre as figuras de linguagem. A noção, geralmente adotada, a partir dessa subdivisão, é que um dos três grupos, as figuras de construção (sintaxe), teria como base a metonímia, pois esta se relaciona com o eixo sintagmático, ou seja, o eixo em que há relações de contiguidade entre os elementos presentes na cadeia linear da fala. Por outro lado, a metáfora

estaria na base de todas as figuras de pensamento, e as figuras de palavras, por sua vez, teriam base no processo metafórico e/ou no processo metonímico.

Porém, com a base teórica aqui adotada, a análise considera que as figuras de construção (sintaxe), como as outras, têm base no processo metafórico, ou seja, possuem uma base mais paradigmática (de metáfora) do que sintagmática (de metonímia).

Propõe-se que a subdivisão feita pelos livros escolares, e outros, tem o formato que tem porque põe o ponto de partida na expressão, no enunciado produzido. No nível da expressão, as figuras de construção obtêm o seu efeito estético/ figurativo pela sintagmatização, evidenciando uma natureza ligada ao processo metonímico de base. Essa visão aponta que tais figuras têm um processo sintático singular que, no nível da expressão, é grandemente responsável pela sua criação.

Em contraponto, nesta análise a atenção está no fenômeno cognitivo, paradigmático (de metáfora), o que leva à minimização do componente metonímico na avaliação das diversas figuras. As figuras **pleonasma**, **polissíndeto**, **silepse**, **anáfora** e **paralelismo** apresentam, evidentemente, um caráter metonímico, mas, avaliadas no plano da cognição, necessariamente revelam uma base metafórica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises efetuadas indicaram que as figuras **sinestesia, catacrese, alegoria, aliteração, assonância, paronomásia, pleonasma, polissíndeto, silepse, anáfora, paralelismo, antítese, eufemismo, hipérbole, ironia, paradoxo, e prosopopeia** possuem uma base mais paradigmática do que sintagmática⁶, o que mostra que essas figuras têm em sua base a natureza de um processo metafórico.

Para o embasamento teórico das análises, foram utilizadas as duas vertentes de pesquisa da metáfora apresentadas no início do trabalho: (i) a teoria da metáfora conceptual⁷ (LAKOFF; JOHNSON, 1980), que preconiza a metáfora como um fenômeno cognitivo (mental); (ii) a corrente da metáfora sistemática (CAMERON, 2005 apud SARDINHA, 2007), que defende a atenção ao uso recorrente da metáfora na linguagem real, antes de se fazerem alegações sobre o funcionamento da mente. Na análise, a teoria da metáfora conceptual se mostrou a mais eficiente como embasamento, pois, na análise das dezessete figuras, dezesseis tiveram como direcionamento teórico eficiente essa teoria.

A eficiência da teoria da metáfora conceptual para essas análises implica uma minimização do componente metonímico na avaliação das diversas figuras. Afinal, nessas análises, a atenção está no fenômeno cognitivo (de metáfora). Assim, figuras de construção (sintaxe), que devem seu efeito mais diretamente à construção gramatical (NEVES, no prelo), e, em princípio, pertenceriam mais ao bloco ligado às relações sintagmáticas, puderam ser analisadas por via de uma base mais metafórica (de paradigma) do que metonímica (de sintagma). Esse fato indica que a subdivisão tradicional das figuras não está levando em consideração a base cognitiva dessas figuras, e, sim, está se fixando nos enunciados produzidos (nível da expressão). Trata-se, na verdade, de uma outra escolha teórico-metodológica de análise.

Nota-se, por meio das análises, que grande parte das figuras apresentou como base uma metáfora primária. Pelo fato de as metáforas primárias surgirem diretamente da experiência, fica sugerido que as figuras de linguagem, de modo geral, têm uma base grandemente experiencial, relacionada aos seres humanos.

⁶ As figuras **apóstrofe** e **preterição**, por terem um componente retórico muito forte, prestaram-se menos a essa análise cognitiva.

⁷ Torna-se necessário compreender que os desvios nos eixos da similaridade e da contiguidade, de Lopes (1986), encontram-se no panorama da teoria da metáfora conceptual.

Em resumo, as análises apontaram para as seguintes conclusões: a) a teoria da metáfora conceptual pode ser considerada eficiente para o embasamento das análises; b) e, comprovadamente, na base da maioria das figuras encontradas está evidente a natureza de um processo metafórico.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [19--?].
- EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. Metaphor uns metonymy. In: _____. **Cognitive linguistics: an introduction**. Edinburgh: Edinburgh University Press. p.286-327.
- FERRÃO, Maria Clara Teodoro. **Teoria da metáfora conceptual: uma breve introdução**. (2008). Disponível em: <<http://www.ifl.pt/arquipelago/files/1/metafora%20conceptual.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2010.
- GRADY, Joseph E. Metaphor. In: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert (Ed.). **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. New York: Oxford University Press, 2007. p.188-213.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- LOPES, Edward. **Metáfora: da retórica à semiótica**. São Paulo: Atual, 1986.
- NEVES, Maria Helena de Moura Neves. **Lições de gramática de usos do português**. São Paulo: Contexto. No prelo.
- _____. **Ensino de língua e vivência de linguagem: temas em confronto**. São Paulo: Contexto, 2010.
- SARDINHA, Tony Berber. **Metáfora**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- SCHÜLER, Donaldo. Grande Sertão: Veredas – estudos. In: COUTINHO, Afrânio. (Org). **Guimarães Rosa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1991. p.360-389.
- SEVES, Giovana Franco. As bases metafórica e metonímica das figuras de linguagem: uma comparação entre a análise das propostas escolares e o tratamento oferecido em sites. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 21., 2009, São José do Rio Preto. **Resumos...**São

José do Rio Preto: Unesp, 2009. Disponível em: <
http://prope.unesp.br/xxi_cic/27_36873673803.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2010.

SILVA, Augusto Soares de. A linguística cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma e linguística. **Revista Portuguesa de Humanidades**, Braga: Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Braga, v.1, n.1-2, p.59-101, 1997.

ZANOTTO, Mara Sophia et al. Apresentação à edição brasileira. In: LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Tradução de Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora. Campinas: Mercado de Letras. 2002. p.9-38.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BACK, Angela Cristina Di Palma. A expressão verbal a serviço do efeito de sentido metafórico. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v.15, n.1, p.39-56, jan./jun. 2007.

DIAS-DA-SILVA, Bento Carlos; OLIVEIRA, Ana Eliza Barbosa de. A gramática e o cálculo do sentido metafórico. In: NEVES, Maria Helena de Moura Neves (Org.). **As interfaces da gramática**. Araraquara: Laboratório Editorial da UNESP. No prelo.

ESSAYS on metaphor in language and thought. **Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v.22, 2006. Edição especial.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite et al. Tratado geral sobre gramaticalização. In: GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (Org.). **Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p.15-66.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A propósito da metáfora. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v.9, n.1, p.71-90, 2000.

MOURA, Heronides. Desfazendo dicotomias em torno da metáfora. **Revista de estudos da linguagem**, Belo Horizonte, v.16, n.1, p.179-200, jan./jun. 2008.

OLIVEIRA, Roberta Pires de. Semântica. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Org.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001. p.17-46. v.2.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva (Org.). **Metáforas do cotidiano**. Belo Horizonte. Ed. do Autor, 1998.

PONTES, Eunice (Org.). **A metáfora**. 2. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1990.

RIO-TORTO, Graça; RIBEIRO, Sílvia. Unidades pluriverbais: ensino e processamento. In: NEVES, Maria Helena de Moura Neves (Org.). **As interfaces da gramática**. Araraquara: Laboratório Editorial da UNESP. No prelo.

ZANOTTO, Mara Sophia et al. A metáfora no discurso da educação. In: BASTOS, Neusa Barbosa. **Língua Portuguesa**: reflexões lusófonas. São Paulo: EDUC, 2006. p. 381-393.